

Artigo

Luiz Carlos Delorme Prado

*Um olhar sobre
a História*



REPRODUÇÃO/BIRKBECK COLLEGE

O último iluminista

'Ler os últimos escritos e entrevistas de Hobsbawm é receber um ar renovado de otimismo e de esperança em um mundo cínico e descrente. Esse homem velho mantinha a força de seu compromisso militante de lutar por um mundo melhor, sem ser simplista'





QUEM É
Professor do
Instituto de
Economia da
Universidade
Federal do
Rio de Janeiro
(UFRJ)

Eric Hobsbawm ensinou, em um pequeno livro publicado em 1990, que nação é uma invenção histórica dos últimos 200 anos¹. O autor mostrava que apesar da vasta literatura sobre nação, e, ainda, apesar da alegação daqueles que pertencem a uma nação de que ela é, em alguns sentidos, fundamental e básica para a existência social de seus membros e mesmo para a sua identificação individual, nenhum critério satisfatório pode ser achado para decidir quais das muitas coletividades humanas deveriam ser rotuladas desse modo. O olhar refinado de Hobsbawm apontou, também, em outro trabalho memorável, que muitas tradições são inventadas, como forma de estabelecer um elo com um passado “real ou forjado” na tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social.²

Apesar dessa perspectiva crítica, Eric Hobsbawm foi o mais importante historiador de uma nação, a Inglaterra, e de sua transformação no primeiro país industrializado. Mas, além disso, foi o mais importante historiador britânico que estudou a história da industrialização europeia e, a partir dela, das transformações na economia mundial entre a Revolução Francesa e o fim do socialismo real. Muitos dos livros de Hobsbawm não foram escritos na forma de uma narrativa minuciosa, voltada para o público especializado, que é característica dos trabalhos científicos dos historiadores acadêmicos. Preocupava-se em ser acessível a um público mais amplo. Ele recorria a uma expressão francesa para explicar seu estilo ensaístico, com abundantes exemplos e grandes interpretações: *haute vulgarisation*³. O seu público preferido é o que podemos chamar de leigo culto — ou seja, pessoas ilustradas, interessadas em História, mas não necessariamente acadêmicos ou especialistas.

Para esse público, o historiador escreveu um conjunto monumental formado pelos livros: “A era das revoluções” (1962), “A era do capital” (1975), “A era dos impérios” (1987) e “Era dos extremos” (1994). Nesses livros, o autor tratou de dois séculos históricos, que chamou de longo século XIX e curto século XX. Para Hobsbawm, os séculos históricos não são coincidentes com o calendário. Eram marcados por certa continuidade — podiam ser observadas algumas estruturas que implicavam o estabelecimento de certas prioridades de pesquisa e premissas sobre o que constituía o nexos central do objeto de estudo. Dessa forma, o lon-

Notas

1. Hobsbawm, Eric. “Nações e nacionalismo desde 1780”, Paz e Terra, 6ª reimpressão, 2011

2. Hobsbawm Eric (org). “A invenção das tradições”, Paz & Terra, 2012, p.8

3. Hobsbawm, Eric. “A era das revoluções”, Paz & Terra, 1988, p.15

4. Hobsbawm, Eric. “On History”, Weidenfeld & Nicolson, 1997, p.80



QUEM É
Professor do
Instituto de
Economia da
Universidade
Federal do
Rio de Janeiro
(UFRJ)

go século XIX iniciava-se na Revolução Francesa e terminava na Primeira Guerra Mundial — esse período foi estudado pelos três primeiros livros de sua tetralogia. O curto século XX iniciava-se na Primeira Guerra Mundial e terminava com a queda do socialismo real e foi estudado pela “Era dos extremos”. Porém, Hobsbawm não estava interessado apenas nas estruturas e mecanismos de persistência e mudança, mas também na descrição “do que realmente acontece” — não sendo assim, afirmava, “nós não seríamos historiadores”⁴

Hobsbawm foi um filho do Império Britânico — nasceu em Alexandria, Egito, então sob o domínio britânico, em 9 de junho de 1917. Era neto de judeus poloneses, que emigraram para a Inglaterra na década de 1870. Seu pai nasceu na Inglaterra, mas se casou com uma jovem austríaca, que conheceu no Egito, onde nasceu o historiador. Estudou as primeiras letras em Viena e, com a morte prematura dos pais, ficou órfão com 14 anos, quando se mudou para Berlim para morar com um tio. Quando Hitler assumiu o poder, em 1933, seu tio Sidney Hobsbawm retornou com a família para Londres. Na Inglaterra, recebeu em 1936 uma bolsa de estudos para o King’s College, Cambridge. Depois de receber seu Ph.D em História, obteve, em 1947, a posição de professor assistente (*lecturer*) no Birkbeck College, da Universidade de Londres, onde exerceu sua longa carreira de professor e pesquisador.

Hobsbawm, junto com Christopher Hill, E.P.Thompson e Raymond Williams, fez parte de um grupo de historiadores do Partido Comunista Britânico com grande influência na pesquisa histórica britânica. No entanto, seu reconhecimento ultrapassou, em muito, os limites ideológicos. O conhecido historiador conservador britânico Niall Ferguson escreveu para o jornal “The Guardian” que “pode ser uma surpresa para os leitores do Guardian saber que eu e Eric Hobsbawm éramos amigos” ...“Claro que éramos polos opostos politicamente” ...“Mas a política não me impedia de reconhecer Hobsbawm como um verdadeiro grande historiador. Eu acredito que sua grande tetralogia (...) é, ainda, a melhor introdução para a história mundial moderna na língua inglesa.”

Hobsbawm continuou um autor produtivo e um intelectual atuante até sua morte, aos 95 anos, em Londres, na segunda-feira 1º de outubro de 2012. Nos últimos anos, publicou vários livros e continuou a escrever artigos para a imprensa e dar entrevistas sobre questões contemporâneas. Na última década, entre outros

Notas

1. Hobsbawm, Eric. “Nações e nacionalismo desde 1780”, Paz e Terra, 6ª reimpressão, 2011

2. Hobsbawm Eric (org). “A invenção das tradições”, Paz & Terra, 2012, p.8

3. Hobsbawm, Eric. “A era das revoluções”, Paz & Terra, 1988, p.15

4. Hobsbawm, Eric. “On History”, Weidenfeld & Nicolson, 1997, p.80



QUEM É
Professor do
Instituto de
Economia da
Universidade
Federal do
Rio de Janeiro
(UFRJ)

trabalhos, escreveu dois grandes livros: “Tempos interessantes, uma vida no século XX” (2002) — um livro de memórias de grande interesse histórico e literário — e “Como mudar o mundo: Marx e o marxismo — 1840-2011” (2011).

Ao longo de sua vida, confiou na razão humana, apesar das tragédias que presenciou como um intelectual que viveu na Europa durante quase todo o século XX. Hobsbawm não ficou prisioneiro da agenda de pesquisa do século XX. Em uma entrevista brilhante, concedida a Tristram Hunt, publicada no “The Observer” em 16 de janeiro de 2011, afirmou que o século XX viu a queda da União Soviética e ameaçou as conquistas da social-democracia europeia — ou seja, a crise do marxismo-leninismo gerou também uma crise da versão reformista do marxismo. Mas o liberalismo veio, também, acompanhado de forte instabilidade. Ao fim, para ele, não há apenas um tipo de capitalismo — este pode variar, mesmo no Ocidente, do dirigismo francês até o modelo de livre iniciativa norte-americano. No entanto, para ele, o sucesso recente dos Brics mostrou que o futuro poderia estar com um tipo de economia mista, já que o modelo desses países não é apenas uma generalização da forma tradicional do capitalismo ocidental.

Sua confiança em que a razão humana acabará por prevalecer fica, também, evidente em um artigo para o jornal londrino “The Guardian”, intitulado “O socialismo faliu. Agora o capitalismo quebrou. O que vem depois?” (10 de abril de 2009). Nesse texto, escreveu que a crise de 2008 tinha enterrado a visão simplista de liberalismo. Para ele: “Estamos livres para retornar à economia mista.” Finalmente, sustentava que é necessário voltar à convicção de que “o crescimento econômico e a afluência são um meio e não um fim. O fim é o que é feito com as vidas, com as oportunidades de vida e as esperanças das pessoas.”

Ler os últimos escritos e entrevistas de Hobsbawm é receber um ar renovado de otimismo e de esperança em um mundo cínico e descrente. Esse homem velho mantinha a força de seu compromisso militante de lutar por um mundo melhor, sem ser simplista — ao contrário, aprendendo com as lições das derrotas. É um dos últimos intelectuais a ser ao mesmo tempo um herdeiro de uma tradição de valores universais e um historiador sensível à diversidade econômica, política e cultural de um mundo dominado por várias versões do capitalismo.

Notas

1. Hobsbawm, Eric. “Nações e nacionalismo desde 1780”, Paz e Terra, 6ª reimpressão, 2011
2. Hobsbawm Eric (org). “A invenção das tradições”, Paz & Terra, 2012, p.8
3. Hobsbawm, Eric. “A era das revoluções”, Paz & Terra, 1988, p.15
4. Hobsbawm, Eric. “On History”, Weidenfeld & Nicolson, 1997, p.80